

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 43. — SABBADO, 25 DE OUTUBRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000.

SUMMARY.

Excerptos da carta de guia de casados, por D. Francisco Manuel — O Castigo do Senhor (continuação) — Narrativas, lendas, superstições e crenças populares (continuação) — Historia Natural — Constança de Jesuita (continuação) — O valle de Zermatt e o monte Rosa — D. fr. Manuel do Cenaculo Villas-Boas — O sapateteiro d'escada (continuação) — Os tumulos de D. Pedro I e de D. Ignês de Castro, em Alcobaca — Macau — Chronica Semanal. GRAVURAS — Macau — Os tumulos de D. Pedro I e de D. Ignês de Castro, em Alcobaca — O valle de Zermatt — O monte Rosa — O forte de Lavalette, em Malta.

EXCERPTOS DA CARTA DE GUIA DE CASADOS, POR D. FRANCISCO MANUEL.

«Faça o marido de quando emquando huma estação a sua mulher; admoeste-a, que nem no seu estrado, nem no alheo apóde ninguém: cousa muito certa, e de que as apodadas, sendo mulheres, se cansão muito, e também apódo; e de que, sendo homens os apodados, logo lanção mão para queixas, ou agradecimentos. Que não desentão os cuidados alheos; se fulano olha, ou se passeia a fulana. Parece cousa impropria, que huma senhora, que não he bem saiba mais que de si, e sua casa, traga registados os pensamentos do outro. Nunca a algum homem dos do lugar, em que viver, louve, ou injurie. He nas mulheres este diverso effeito (de ordinario) procedido de huma propria causa. D'aquelles, de quem muito mal se diz, e d'aquelles, de quem muito bem se conta, julguei sempre um igual misterio: e foi o peor, que nunca me enganei n'estas sentenças. Deve ser a pratica das mulheres do seu lenço de amostras, do roim tempo, que vai para curar pastilhas, queixarse das criadas; e ainda para que se queixem dos desapegos de seus maridos, lhes dou licença; inda que lhe levantem falso testemunho.

«E porque sei, que não de pedir maior comarca para sua conversação, me parece que lhes podemos conceder, que possam até estranhar o bem ou mal feito vestido, que traz Dona fulana; e quando muito, chegar a desdenhar das cores, de que fez eleição, com tanto que lhas não interpretem.

«Torno ás amigas, e reparo muito, que em nosso bom Português, com muita razão, de amigas a amigas quasi não vai differença. Sou tão roim, que creio, que muito maior dano fizerão amigas no mundo, que inimigas. E assim costume eu dizer, que aos homens perdem seus inimigos, e ás mulheres suas amigas.

«Assentemos, que devem ser as melhores; e estas não tratadas com porfia; basta que seja sem artificio. E esta tal amizade assento eu entre especialidade, e comprimento. Isto com as mais amigas.

«Ser mui pontual em todas as festas, certo que he grande fadario. Aquellas das Igrejas, que entre nós são mais frequentes, ninguém pôde duvidar que seja licito acudir a ellas; mas nem todas as cousas licitas são sempre convenientes. Dêse-lhe confiança bastante á mulher para crer, que pode ir a todas as festas; e mas com amor, e cortesia se lhe mereça que não vá a todas.

«De huma, a quem não escapava alegria, em que se não achasse, dizia hum: A senhora fulana pena em gloria. Porque verdadeiramente parece hum novo genero de Purgatorio não haver festa, donde a mulher não queira ser presente. Perguntavam a hum casado, aonde fora sua mulher a ouvir missa; e elle dizia: Aonde ouvir charmeillas. Eu conheci em Castella huma titular velha, e gra-

cia, e por extremo honrada, que quando se metia no coche, e lhe perguntava o cocheiro, a donde? respondia: A donde huviere más gente.

«Ora já que vou tão meudo, heideme aventurar hum pouco mais; e servirá de aliviar a melancolia, que até aqui guardámos. Senhor N. não sou amigo de cachorrinhos enfeitados, que sempre tem nomes misteriosos. Já me succedeo em huma Igreja vir a perguntar-me hum pagem esbaforido, se vira eu por alli o Cuidado da senhora Dona fulana, q. andava perdido; e perguntando eu, qual era o cuidado d'aquella senhora, que pudera bem ter outros, achei, que era um cachorrinho d'aquelle nome. Papagaios, ságuins, são praças mortas, bem escusadas, e que pela maior parte induzem ligeireza. Seenhor meu, os mineiros pelas ervas, ou pelas flores, que dá a terra cá por fóra, conhecem logo qual tem ouro lá dentro, e qual não tem ouro. Tanto podem os sinais exteriores.»

O CASTIGO DO SENHOR.

CONTO AO SERÃO.

Continuação

X

O AMOR CONDUZ Á VIRTUDE E AO CRIME.

O muito sangue que perdera Eduardo, tinha-o enfraquecido extremamente, e a maior pallidez viera substituir as côres brilhantes que de ordinario o tornavam tão formoso; o seu corpo esbelto e bem talhado tinha por certo perdido muito da sua elegancia cavalleirosa, apesar de ainda conservar o porte magestoso e altivo; o brilho dos seus olhos começava a recuperar toda a força, e os cabellos que ondeantes se escapavam debaixo d'um rico bonet bordado de ouro, caíam-lhe anelados sobre a orelha; um lenço preto atado descuidosamente, deixava ver um pescoço que poderia ser invejado por muitas damas, que quizessem brilhar por bellas n'um baile sumptuoso; os pés e as mãos eram talhados pelos moldes por onde Alexandre Dumas talhara os do visconde de Lan- cry.

A menina Laura animada de novas forças, não parecia a candida imagem da innocencia, que pretendia sacrificar-se pelo seu companheiro da infancia, mas estava mais formosa e mais linda se é possível juntar-lhe bellezas novas; a inspiração divina parecia ter baixado sobre a fronte angelica da virgem; era a estatua do amor que se enlaçara á da pureza, e que a fizera mais brilhante.

Os olhos fitava-os ella no rosto do mancebo, como para adivinhar-lhe o soffrimento, e dar-lhe um balsamo consolador n'uma palavra de affecto; entrando na sala Eduardo e Laura olharam em todas as direcções, e não vendo ninguém, exultaram por se verem ainda a sós mais alguns momentos; só vieram do jardim, para que se não tornassem conhecidos os seus amores. Não havia ninguém de casa que os ignorasse.

Os namorados cegos pelo amor, julgam todos victimas d'identico mal; e são elles os unicos que não vêem.

— Ninguém! ? disseram elles admirados.

Sentaram-se no sophá em que alguns momentos antes se decidira o seu destino, em que se determinara o golpe que os havia de ferir profundamente, porque ia sepa-

ral-os. As mãos de Laura poisaram unidas sobre os seus joelhos, e a dextra do amante adorado cingia-as apertando-as, traduzindo n'essa especie de loucura em que o pensamento pára, em que a palavra é nada para que o possa exprimir, todo o amor que nas almas lhe vivia. Então, o fogo e o sentimento revela-se apenas n'um olhar, n'um abraço, n'um aperto de mão — a vida do coração é um sonho de venturas, que ralam fundamente, que apenas sabem comprehender os entes fadados por Deus, como reis d'intelligencia, e que é despido do seu valor por essas machinas a que no mundo chamam homens também.

— Ainda mais um momento de solidão, dizia o joven, para te agradecer a vida, que me tirariam sem o teu auxilio, anjo do ceo; agradecer-te a saude que me não voltaria nunca mais, se não tivesse a certeza do teu immenso amor; agradecer-te os meus pensamentos de gloria, as minhas esperanças de futuro, a ventura que antevijo, tudo! . . . que tudo me provém de ti. Oh! minha Laura, como a vida é bella correndo assim.

E levava aos labios a mão encantadora da virgem, que curvava a frente a uma dôr desconhecida que a opprimia a seu pesar.

— Eduardo, disse ella, meu amigo, se tu soubesses como a minha vida mudou desde que te vi; como n'este curto espaço eu tenho vivido mais do que em todos os tempos que passaram! Olha, Eduardo — e fitava no amante os seus olhos negros e avelludados, que n'esta hora scintillavam pelas lagrimas que se lhes debruçavam, vindas d'alma, — soffri muito, por ver-te a morrer, e não poder salvar-te; ao menos dar a minha vida pela tua.

— E de que me serviria a vida sem ti! disse o mancebo.

E era certo; os homens de sangue frio, e julgando a cem leguas do amor, os que se chamam a si espiritos fortes, riem alcunhando de loucura todos os encantos sublimes d'um puro affecto, mas esquecem esses mesmos espiritos fortes, — se o são — que empallidecem, e morreriam mesmo diante d'uma baixa de fundos! Eduardo amava pela primeira vez, Laura igualmente; toda a grandeza de quanto ha elevado no ente que Deus modelara á sua imagem transluzia em seus affectos.

Laura continuava:

— Mas gosei muito ao ver-te melhorar pouco a pouco. Com que ancia não consultava eu essa ferida fatal, que o acaso maldito tirara das mãos de meu pae. . .

— Não falles d'isso, filha, interrompia o filho do crime, eu não comprehendo. . . mas não quero entranhar-me no labyrintho. . . poderia perder-me.

E em voz baixa accrescentava:

— E perder-te!

— Amigo, meu amigo, dizia ella oppressa por uma dôr crescente, que me adivinha o coração?!

— Ouve, e não temas, continuou Eduardo, não comprehenda a minha alma senão o amor de minha mãe. . . mas sentia na existencia um vacuo que não podia entender nunca. A minha mente alevantava-se para Deus, aspirava incessantemente para a gloria. E vi-te. Tudo acabou. Fui feliz. Deus entregava-te nos meus braços, como salvadora da minha vida, para que eu reconhecesse em ti um anjo que baixara para ser o anjo da minha guarda; Deus quiz trazer-te ao meu lado como realidade das minhas glorias sonhadas.

— Sim, sim, balbuciou a virgem, em todo o receiar d'um santo amor; apesar d'isso tu hasde partir, o que te detinha ao lado da tua Laura era o soffrimento só, a von-

tade do Senhor dando-te a saúde, manda-te para um mundo immenso e bello em que se esquece pelo amor d'agora o amor que já viveu! Que se faça a vontade de Deus.

A pobre creança nos prantos compungidos da mais vehemente e santa affeição, continuava:

— E eu heide ficar sósinha, morrer!... Quem pode ver o futuro!

— Oh! não, nunca, nunca, disse Eduardo altamente, como se todas as suas forças tornassem de novo a dar-lhe animo; se eu pudesse pensar que a vida nos separava, como nos aproximara o sepulchro que parecia abrir-se, jurro-te que eu tinha força, e coragem para rasgando de novo esta ferida que o teu amor curou, ganhar o direito de viver ao teu lado; não me falles de separação, não me falles de fugir d'ao pé de ti, seria a morte apoz a vida. A Providencia ligar-nos e separar-nos depois, era um capricho do Arbitro do mundo, e um Deus caprichoso é um absurdo. Deus trouxe-nos ao encontro: quer a nossa felicidade.

— Quem poderá dizel-o? tornou a donzella; ninguém pode entranhar-se nos caminhos da sabedoria extrema; quantas vezes a desgraça será o prego do logar celeste! Talvez o destino — e mal podia ella pronunciar estas palavras — te aguarde para dar-te uma joven linda e bella, que seja digna de ti, e que venha um tempo em que tu te esqueças da fraca mulher que um dia te salvara a vida!

— Não o creias!

— O mundo é assim! exclamou Laura.

— Não falles assim, disse Eduardo, por piedade, cala-te! As flores que nascem nas campinas, mal podem viver vida de momentos nos cristaes doirados d'um salão; os passarinhos a quem tiraram a liberdade, e lhe dão em paga uma gaiola fabricada na grandeza, e lhe dão em tudo, por serem livres como outr'ora, e eu?!... oh! seria mais facil que as flores e as aves se olvidassem da infancia, de tudo... de que esquecer-me do que tive de ventura ao teu lado. A sorte quer talvez fazer passar o nosso amor por immensas provas!... seja! Mas cre, minha boa amiga, que Deus nos dará força e poderio para galgarmos essas barreiras. Nós pertencemos um ao outro como duas folhas que nasceram no mesmo ramo.

E aos abraços que o mancebo apaixonado dava na donzella abandonada, só podia responder-lhe a virgem com o receio do futuro.

— Escuta, disse a amante d'Eduardo, Fernando pediu a minha mão, a posse do meu coração; mal podia saber n'esse tempo o que sentiria por ti.

E a voz cerrava-se-lhe na garganta e os suspiros d'alma que lhe sobrenadavam nos labios eram os precursores d'um fogo immenso do espirito que abrasava o peito da donzella, que continuava:

— Outorguei-lhe tudo que pedia! hontem... tudo estava mudado, a generosidade que eu tivera pedi-lh'a em troca... roguei-lhe de joelhos que me desse a felicidade, que eu não poderia nunca ser sua mulher; que Deus nos separara pela força do seu poder immenso... repeliu-me indignado, alcunhou-me de mulher sem fé, e sem vontade, que me deixava imbahir do magico olhar d'um estrangeiro!... Oh! Eduardo, eu heide ter coragem!... O obstaculo para a minha união com Fernando Rogero é o nosso amor, e esse obstaculo é invencivel, porque o nosso amor não tem fim.

Nos braços do homem que amava, sentia a virgem o pular phrenetico do delirioso amor do mancebo, e escutava as suas magoas que lhe bradavam ao coração — desgraça!

— Ai! Laura, Laura, dizia Eduardo elevado nos transees do mais vivo amor; os teus encantos reaes são mais bellos do que todos os sonhos phantasticos da imaginação; o teu rosto divino em que o Senhor poz o brilhantismo dos anjos do seu throno, calca ovante de gloria todas as bellas e doiradas imagens das houris do propheta! Tu és uma d'adiva incomparavel que me foi offerecida por Deus, e que eu heide possuir a todo o custo. — E dos abraços ternos e respeitosos com que cingia a pobre menina, passava ao delirar orgulhoso, que faz julgar-se o homem inferior unicamente ao ente adorado, e superior ao resto do mundo. — Que me importa que Fernando te dispute, que me importa que se opponha teu pae?!...

— Oh! não falles assim, atalhou a donzella, não falles assim do pobre velho; elle adora-me, meu amigo, tem sido o meu protector dedicado; deve-lhe tudo; nada me recusa; não falles assim.

— Perdão, perdão, dizia de joelhos o feliz que merecera o amor de Laura; amo esse homem que me feriu... nem eu sei porque!... amo-o por ser o pae da minha Laura, amo-o porque foi Deus que o fez o depositario de toda a minha felicidade, que elle me guardou santa e puramente!... mas ainda mais!... a esse homem, de vera, se não odial-o, pelo menos não o amar, porque me deu o soffrimento doloroso, ainda que tornado por ti em ventura; mas ha um respeito indefinivel que eu não posso explicar. Quero... não sei se devo abençoal-o. O que chamaei a minha desgraça, é unicamente a minha ventura!

— Que hasde renunciar, estrangeiro infame!

E á porta por onde entraram Eduardo e Laura appareceu um homem; o desespero mais doloroso e fundo desenhava-se-lhe na fronte, parecia o genio da dor que baixara á terra; no olhar torvo e angustiado liam-se todas as magoas d'uma vida sem ventura; mas via-se-lhe

o anjo das vinganças relutando-lhe no espirito e sendo como o precursor d'um pensamento damnado.

— Ah! bradou Laura, caindo quasi sem tino sobre o sophá; e um grito igual saiu dos labios d'Eduardo, erguendo-se veloz como o pensamento.

— Fernando?! continuou elle.

— Meu Deus! disse a virgem custando-lhe a erguer-se, e como que antevendo as magoas que deveriam enroscar-se-lhe no espirito mui breve; meu irmão!

Mas a voz que só fóra de carinho e d'amor para a filha de Paulino, não teve n'esta hora uma só idéa d'infancia que a prendesse; os braços que só tinham sabido abraçar-a cobraram novas forças para poderem repellil-a; e o coração?... oh! amava, mas em loucura, em desespero.

— Deixa-me, mulher, bradava Fernando, prendendo o choro, que debalde queria abafar na garganta, ao odio que lhe resaltava em furia pelo rival que aborrecia; cala esse nome de irmão, que se nos ligou, mataste-o tu. Não posso, não quero, não devo mais ouvi-lo. Eras minha... despresaste-me. Corria-me a vida entre rosas que allumiavam as estrellas d'um futuro d'esperanças. Mas veiu a presença maldita d'este homem erguer-se entre nós, e separar-nos para sempre!

E as lagrimas corriam dos olhos do filho adoptivo do Castigo do Senhor; mas limpando o pranto a custo com as mãos, voltou-se animado de todo o poder do ciuime para o homem que mal podia erguer-se em pé, e bradou:

— Crê, heide morrer, mas heide vingar-me. A minha dita era unicamente a posse d'esta mulher, e a tua dextra arrancou-m'a; vivia d'esperanças pelo seu amor d'innocencia, e pela benção de meu pae; e a tua presença roubou-m'as. Quando eu sonhava entr'ouvir os cantos d'hymeneo, deste-me por prenda de noivado o despreso da esposa!

E Fernando tremia nas convulsões d'um phrenetico delirio, e um riso satânico lhe assomava aos labios, prophetico d'uma vingança horrenda.

— Sois injusto, senhor...

— Sois cruel, meu irmão!

Disseram ao mesmo tempo as duas almas que amavam como Fernando amava, mas que tinham a ventura de verem reflectidos seus affectos amorosos.

— Heide pagar-te com a morte, continuava Rogero sem attender ao que dissera Eduardo, ao que dissera sua irmã; vêde, é um homem que brande uma espada, — e tirava die sobre a mesa uma espada que se cruzava sobre outra, como se Deus quizesse permittir aquelle crime — e não uma mulher que chora. Olha-a, que é ella que vos hade ensinar o caminho do sepulchro.

— Meu Deus! dizia Laura a si mesmo, mal podendo atinar no que fizesse; queria ver seu pae ao seu lado, mas temia-o ao mesmo tempo; e n'este transe supremo, de suprema dor, ouviu a voz de Eduardo, que assumia toda a energia d'um identico ciuime, e que bradava:

— Eia, um duello?!... seja!... não serci eu que recue!

— Por Deus, por vós, por mim, — exclamou a desditosa no auge d'angustia, lançando-se no centro das espadas que volteavam desesperadas em face dos contendores — parae. — E voltando-se em frente do homem que amava, bradou, tomando a mão que sustentava a espada: — Meu Eduardo, meu amigo, e tomaste um ferro diante de mim para fazer correr o sangue de meu irmão!... Não sabes que elle é o meu companheiro de creança? embora elle rejete esta santa estima, eu heide votar-lh'a até á morte. Não tenhas raiva nem odio, amigo, aqui não ha morte, ha o poder de Deus.

E tomava a espada d'Eduardo, e a lançava no sophá. E o mancebo apaixonado não pronunciara uma palavra, cedera á voz da mulher, que era o poder do Senhor que por ella fallava então.

Mas a estes movimentos rapidos e velozes, que mais depressa eram cumpridos do que são descriptos, succederam as palavras de Laura a seu irmão:

— Tu dizes que me amas, meu Fernando, mas quem ama não mata. Tu querias a nossa união, e eu queria-a tambem. O homem põe, e Deus dispõe. Deus manda, e o homem leva a cruz da sua vida até ir encostal-a na borda do sepulchro. Foi a Providencia que determinou os nossos destinos. Obedeçamos, meu querido irmão. Olha, o casamento é um nó indissolovel que liga duas almas, é a reunião de dois corações que o Altissimo mandou que se comprehendessem, de dois espiritos que nasceram formados um para o outro; que soffrem e gosam da mesma ventura e da mesma dor; que sorriem e que pranteiam, embriagados pelo mesmo affecto; mas quando vae um d'elles arrastado por sobre os degraus do altar, quando o leva unicamente diante do sacerdote uma cadêa que elle não tem forças para quebrar; quando se lhe impõe em nome da religião o rigoroso dever de persistir sempre ao lado d'um ente, que elle não pode amar com esse amor d'esposo que Deus sacramentara; e que é patente a esse misero, que existe no mundo a pessoa que mais ama, que existe n'uma separação indestructivel, que não pode amal-o sem quebrantar as leis que lhe prescrevem os homens em nome do Senhor; então o hymeneo é na terra a imagem do inferno! Oh! tu, meu irmão, meu amigo, meu companheiro, que tantas vezes choraste e sorriste ao meu lado, tu não quererás o meu tormento!

E arrastava-se de joelhos aos pés de seu irmão, e inundava de lagrimas puras as mãos que o crime queria man-

char: parecia que fóra ouvida a voz de Laura na alma de Fernando, porque elle bradava:

— Ai! Laura, Laura, quem vivera e morrera por tanto amor!

Mas era subita a mudança; e a virgem que se erguera contente e feliz, ouvia morrer nos labios de Fernando a palavra fatal — vingança!

— Eduardo, o nosso amor vencerá tudo! bradou ella. E o desespero accommetteu de novo o irmão da donzella.

— Para elle, dizia Fernando, tudo affecto e dedicação, para mim unicamente o abandono! Não. A tua amante despojou-te d'essa espada, — e lançava fora o ferro que tomara — seja para mim o punhal dos covardes.

E d'entre a roupa apresentava aos olhos do rival um ferro aguçado, que levantava sobre o seu coração.

Não pôde Laura, já sem forças, correr a collocar-se entre elle e o crime, mas uma voz eccoou, ameaçadora e austera, e o braço de Fernando parou suspenso por nova força.

— Parae! bradou a pessoa que chegara.

Fernando voltou-se, ficou preso ao solo por um poder immenso, quiz resistir... não pôde.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

NARRATIVAS, LENDAS, SUPERSTIÇÕES E CRENÇAS POPULARES.

Continuação. (*)

CONTO SEGUNDO.

A CAMISA PICADA.

I

O TIO E A SOBRINHA.

Se o leitor quer assistir a um d'esses episodios da superstição popular que, embora phantasiados pelos preconceitos e erros das imaginações credulas se encostam todavia a certos factos que, por incontestaveis, autorisam a tradição e são como a allegação positiva e authentica que figura n'esta especie de narrativas para provar a sua veracidade; se o leitor deseja presenciar a acção de um d'esses contos, transporte-se connosco em espirito ao anno de 1760, agarre-se-nos á capa e voemos até Villa-Viçosa, a essa alegre e historica população de Alemtejo. Entremos em seguida de mansinho, porque é de noite, pelo lado da tapada dos senhores de Bragança: ahí, mesmo em face da porta dos paços que olha para o poente, d'essa porta sinistra por onde nunca mais passou folego vivo, depois que por ella saiu o cadaver do malaventurado Antonio Alcoforado, porque ainda hoje se conserva tapada a pedra e cal, conforme o determinara o duque D. Jaime no accesso sanguinario da scena de horror com que o seu genio irascivel e sombrio enlutou os velhos paços de seus passados e levou o terror e a angustia ao animo de todos os habitantes de Villa-Viçosa, em a noite de 2 de novembro de 1512; — ahí, repetimos, paremos, mas não sem reparar n'uma casa baixa, de mesquinha e deruida apparencia.

Entremos no pavimento terreo d'essa casa.

A quadra onde introduzimos o leitor é vasta e apresenta um aspecto taciturno. A luz frouxa de um candeeiro de ferro antigo e enferrujado trabalha um velho sapateiro, e a claridade que diffunde essa luz, perdendo-se pelo immenso casarão, projecta sombras incertas e gigantescas nas paredes e vae morrer por entre as grossas vigas que sustentam as asnas do telhado.

Mestre Jacintho (que é o sapateiro que vemos atarefado em coser umas viras n'uns pantufos de castor) parece preocupado de mais alguma coisa do que da obra que tem entre mãos. De vez em quando um impeto de impaciencia o faz atirar de arremesso com a sovela para dentro da alcofa da ferramenta que tem ao lado: pára, sacode a cabeça, puxa os oculos á testa, e esfrega a cara com a mão ennegrecida de sarol e suspira anciado.

— Isto vae de mal em peor; prorompe elle por fim, como dando desabafo a um sentimento, que ha muito lhe lavrava lá dentro. Os ganhos cada vez são menos. Eu estou velho e alquebrado; quasi que não tenho siria para puxar o fio. D'antes um par d'estes pantufos fugia-me das mãos n'um dia de verão; agora mal chego a palmilha-os. E tu, pobre Carlota, tu sempre na tua deceina, continua mestre Jacintho, engatilhando os oculos na ponta do nariz e virando-se para o seu lado esquerdo, onde se via, encruzada no chão, uma rapariga de rosto moreno e sympathico, fazendo gyrrar dois fusos, que pendiam de uma das vigas, com um movimento rapido de mãos.

— Então que heide eu fazer, meu tio? Eu não estou cansada. Já torci e ensarilhei tres meadas que amanhã heide entregar á ama do senhor reitor. Este dinheiro sempre serve.

— Se serve!... replica mestre Jacintho, arregalando em gesto admirativo as bastas sobranceiras. Serve como serve tudo que tu fazes, pobre pequena! que te esfallas e ralas para me ajudar a levar esta cruz, que, olha mi-

(*) Do num. 11.

nha filha, já me vae sendo bem pesada!... E o que me acende o sangue nas veas é lembrar-me que aquelle gatuño de Agostinho não hade passar de um madraço, de um valdevinos, de um... Não te impacientes, prosegue o velho, replicando a um gesto de impaciencia que escapara a Carlota, a qual parecia contrariada da apologia funebre que mestre Jacintho fazia a seu sobrinho. Bem sei que ninguem pode bulir em teu primo... Não cores; não abaixes os olhos...

Effectivamente Carlota, confusa, havia pregado os olhos no chão, e um rubor ligeiro lhe incendiava as faces, ordinariamente tintas da pallidez de uma suave e attractiva melancolia.

Os fusos, esquecidos pelas mãos da dona, que se haviam encruzado n'um gesto instinctivo logo aos primeiros signaes de afflicção que lhe turbaram o animo, redopiaram a solta doidejando no ar. Um, sacudido pela força do impulso, soltou-se da azelha de arame e veiu ao chão. No mesmo instante, um enorme gato amarello, que do seu canto espreitava, de focinho esganipado e orelhas arribitadas, o momento azado de se lançar sobre os dois dançarinos, que gyrando susurravam como uns bisoiros, correu de um pulo, abocçando a massaroca, a qual já se dispunha a carpiar com a proverbial destreza felina, quando o olho previsto do mestre Jacintho, surpreendendo o attentado, fez intervir o tirapé contra as tentações do intruso ajudante de Carlota.

Esta, porém, quasi que não deu fé do que se passava. O velho contemplou-a por alguns minutos. As sensações que tumultuavam no intimo de sua sobrinha conheciam-as elle melhor que ninguem. A pobre rapariga amava seu primo; as apparencias porém crimnavam-n'o e ella não atinava com uma desculpa para o defender dos repentes de colera de mestre Jacintho, em que a cegueira da sua predilecção não via senão uma completa injustiça.

— E aposto que esse senhor ainda não achou horas de vir para casa?... disse por fim o velho sapateiro.

— É verdade que não, acudiu Carlota com voz submissa.

— Pois as dez horas já bateram.

— Porém, meu tio...

— Qual porém, nem meio porém. Isto pode lá continuar assim! Isto é maneira de vida! Um velho tropego e achacado e uma rapariga de dezete annos, moendo o corpo e a paciencia noite e dia para sustentar a ralacceria de um valdevinos! Isto é coisa que se creia!

— Porém, meu tio, insiste Carlota, com as lagrimas borbulhando-lhe nos olhos e a expressão affavel de uma alma ingenua, Agostinho faz diligencia pelo trabalho, mas se não lhe apparece...

— Quem te metteu isso na cabeça, rapariga? retrucou mestre Jacintho, com o nariz rubro de colera, e fazendo um arremesso com o roto e ensarolado avental que defivelara acceso em ira. Elle diligencia lá trabalho? E que trabalho hade diligenciar Agostinho? Que sabe elle fazer? Quiz-lhe ensinar o officio e nunca chegou nem a ajuntar as palas de uns chiquitos.

— Mas meu tio, Agostinho estava para occupação mais alta: elle estudava theologia com os padres da companhia.

— Sim, estudava... Mas fui eu que o metti no collegio de Evora, fui eu que me empenhei com o padre Gaspar, para elle seguir os estudos, porque — diga-se a verdade — os jesuitas seriam maus e seriam até tudo que o Marquez de Pombal quizer, que lá nos seus altos designios intendeu dever expulsar-os do reino (e já lá vão dois annos que isso aconteceu), mas cá mestre Jacintho sempre encontrou n'elles bom gasalhado e uns protectores dedicados. Isto heide eu dizer mil annos que viva, antes que a inquisição me aperte a gollilha no gasnate para affirmar o contrario.

— Santo Deus! replica Carlota, amedrontada; olhe que blasfema da santa inquisição, meu tio!

— Sim, sim; dize tu que blasfemo, mas a verdade é que Agostinho foi recebido pelos padres da companhia do collegio de Evora nem que se fôra recommendado pelo santo padre; e estas obrigações não escureço eu ainda que para as confessar, seja preciso incorrer nas iras de todos os inquisidores, ainda mesmo dos de Sevilha.

— Meu tio, repare que as paredes tem ouvidos, acode sobresaltada a pobre rapariga, tentando pôr um dique á torrentosa loquella do velho sapateiro.

— Estamos longe de Lisboa. Aqui o santo-officio não tem espíes.

Uma pancada surda na porta interrompeu o dialogo. Mestre Jacintho olhou para o fundo do casarão, d'onde vinha o rumor, e a lingua collou-se-lhe ao ceo da bocca, apesar da sua proclamada afoiteza.

Não obstante a distancia que ia de Villa-Viçosa a Lisboa, o phantasma da inquisição, acompanhado de todo o seu sequito de carochas e sambenitos, de torturas e fogueiras, revou-lhe pela imaginação n'aquelle momento.

— Quem será a estas horas? conseguiu elle por fim dizer, entre mysterioso e preocupado, voltando-se para sua sobrinha que se havia erguido do seu lugar e se dispunha a ir á porta.

— Naturalmente Agostinho, que ainda não recolheu a casa, responde Carlota com singeleza e como com receio de tocar n'aquelle tecla.

— É verdade, que nem de tal me lembrava. Isto em se fallando na inquisição os dedos nos parecem hospedes. Eu te esconjuro! padre, filho, espirito santo! Anda lá;

abre a porta a esse fidalgo, proseguiu o sapateiro com sarcastica ironia, visto que ainda nos faz a honra de procurar esta choupana quando precisa de comer ou de dormir.

— Meu tio, peço-lhe que se deixe hoje dos seus ralhos... só por esta vez... acode Carlota com um gesto supplicante, afim de ter mão na torrente de improperios em que mestre Jacintho ia já desatar a lingua contra seu sobrinho.

— Sim, sim, anda lá; abre; olha que fazes esperar o senhor morgado.

Carlota abaixou a cabeça e foi abrir a porta. Mal esta foi aberta, um desconhecido, embuçado n'um amplo capote escuro e com um chapeo de abas largas derrubado sobre os olhos, transpoz a couceira.

— Ah!... Quem sois?!... brada Carlota, recuando surpresa da apparição inesperada.

— Que é lá!... Não é Agostinho?... grita o sapateiro, dispondo-se a romper as hostilidades armado com a tremenda pedra de afiar na mão.

— Não tenham receio; responde uma voz de fora, que Carlota immediatamente conhece ser de seu primo.

O desconhecido entrou, e atraz d'elle, um mancebo alto e bem posto, cuja physionomia, fina e intelligente, e gentileza de ademanos, nunca o dariam por sobrinho de um collega de Bandarra na profissão.

Agostinho, que era elle, fez signal ao seu mysterioso companheiro para que se aproximasse. Este, ainda escondido na amplidão do seu vasto capote e debaixo da sombra das largas abas do sombreiro que trazia carregado sobre os olhos, deu alguns passos, e depois apontou para a porta, que o sobresalto de Carlota, ainda alheada de si ante esta scena de surpresa, tinha deixado aberta.

— Fecha a porta, Carlota. Agora podeis fallar, senhor. Esta é a casa de mestre Jacintho, o sapateiro de Villa-Viçosa, como vós o appelladaes: e é elle o proprio que vêdes presente.

Estas palavras disse-as o mancebo, indicando o velho sapateiro ao recém-chegado.

Mestre Jacintho, que ainda via escuro em todo este acontecimento, e sobretudo, prevenido contra seu sobrinho que lhe fazia a apresentação de um homem desconhecido, e a taes deshoras, ia já para romper n'uma das suas apostrophes que o annunciavam ao longe como um flagello dos ouvidos da vizinhança, quando o embuçado, acercando-se d'elle, e tirando o chapeo, lhe disse:

— Conheceis-me?

O sapateiro estupefacto da evolução repentina, encançalhou os olhos na ponta do nariz e ficou o homem que assim o interrogava. Agostinho e Carlota, attrahidos por uma curiosidade instinctiva, aproximaram-se tambem do lado opposto á luz.

— Ora esperem!... isto será sonho?... brada mestre Jacintho, arregalando os olhos e erguendo-se tomado de alegria. Sois o padre Gaspar!

Agostinho, mais previsto que seu tio, já tinha reconhecido o recém-chegado, correndo a apertar-lhe a mão, que elle lhe estendia com gesto de affecto carinhoso.

— Sou o padre Gaspar... sou... Mas silencio, que o Marquez de Pombal não dorme, nem os seus agentes deixam um momento sequer de nos perseguir. Se suspeitassem que eu estava aqui, eu e vós iriamos dormir as mesmas poucas horas que restam d'esta noite aos carcereiros da torre de San Gião.

O homem que isto dizia era um velho de grave e venerando aspecto. Dois olhos scintillantes, achegados e fundos, davam extrema vivacidade a um semblante arrugado, ainda mais pelas tribulações do espirito, que pelo correr dos annos. Na fronte, que descobrira, ampla e proeminente, e apenas emoldurada nas raras madeixas alvas de neve que lhe desciam quasi até aos hombros, reluzia a elevação do talento, manifestada nos dotes mais intelligentes e energeticos da vontade. Um nariz aquilino e uma bocca breve e fina, vinham dar os ultimos toques de agudeza e perspicacia a esta physionomia.

— Mas como vos achaeis aqui, meu reverendo? Fazia-vos em Italia; pergunta porfim o sapateiro, descendo pouco a pouco das alturas do seu assombro, e percebendo o risco que corria com a visita de um membro da companhia de Jesus, áquellas horas, e ainda em epoca tão proxima da sua expulsão de Portugal.

— Nunca fui para Italia; não passei de Hespanha. Porém, deixemos isso, que pouco vos pode importar, e vamos ao que aqui me traz.

A curiosidade fez acercar todos em torno do jesuita. Este proseguiu n'estes termos:

— Lembrado estareis, mestre Jacintho, de que vos fiz uma promessa, vae hoje em dois annos, quando na noite de 8 de setembro de 1759, me despedi de vós na portaria do collegio de Evora.

— Bem lembrado estou, atalhou o sapateiro, enternecido. Disstes-me que eris o protector de Agostinho, e que nem no desterro vos esquecerieis d'elle.

— Já vejo que tendes boa memoria: pois venho a cumprir a promessa. Ouvi, mas que não nos escutem estranhos.

O padre olhou em torno com olhos prescrutadores e receiosos.

— Ninguem nos ouve. Na casa somos nós sós, e á porta ninguem escuta, porque a estas horas tudo dorme na villa.

Esta resposta foi dada por Agostinho, depois de ter

ido ao fundo do casarão e espreitado para fora pela fechadura da porta.

— Venho a cumprir a palavra que dei, prosegue o padre Gaspar. Estamos a 6 de março; a 14 d'este mez, os nossos bens confiscados em Lisboa serão postos em hasta publica. Tomae sentido: n'esse dia tudo que pertencia ao collegio de Santo Antão será arrematado em praça pela usura onzeneira. Tomae estes seiscentos cruzados, continua o jesuita, tirando uma bolsa de seda e dando-a ao sapateiro; ide-vos a Lisboa, e procura de vos achardes no dia 14, ás dez horas em ponto, na casa do capitulo de Santo Antão, onde os licitantes hão de lançar sobre todo o espolio do nosso convento. Não vos importe nenhum dos lotes que se apresentem; mas quando ouvirdes fallar na talha das borras do azeite, chegae-vos e fazei o vosso lance. O objecto, por insignificante, não moverá o interesse dos compradores, mas se mover, ide crescendo no lance até esse dinheiro vos chegar. Fazei tudo com tanto que arremateis a talha de que vos fallo. N'ella está a vossa fortuna.

Mestre Jacintho e seus sobrinhos estavam estupefactos ouvindo o jesuita. O bom do sapateiro custava-lhe a comprehender como n'uma talha de azeite estivesse a sua fortuna. Por fim não pôde conter-se que não formulasse estas objecções:

— Mas para que heide eu gastar seiscentos cruzados na compra de umas borras de azeite? Não seria melhor ficar já com esta somma, que por si só pode proporcionar algum meio de vida a Agostinho, visto que nem de longe vos esqueceis d'elle?

— Não; replica padre Gaspar, com visiveis mostras de impaciencia. E depois chegando-se aos tres, e quasi que em segredo, acrescentou: — Os seiscentos cruzados são seiscentos cruzados, e as borras do azeite são quarenta mil.

— Quarenta mil cruzados?! exclamou o sapateiro n'um desabafo de admiração que não pôde reprimir.

— Fallae baixo, homem de Deus! acode o jesuita, impondo-lhe a mão na bocca; que vos perdeis e me perdeis se vos ouvem.

— Mas como é isso possivel, padre Gaspar? replica Agostinho, não podendo entrar no enigma de umas borras de azeite valerem quarenta mil cruzados. É possivel que uma talha de azeite valha tão grande dinheiro?

O padre sorriu-se. A objecção do mancebo era mais que razoavel; mas o veio do mysterio foi rasgado com as seguintes palavras do discipulo de Loyola:

— Não é uma talha de azeite que vale quarenta mil cruzados, são quatro saccos de peças em oiro que estão no fundo da talha.

A esta explicação o assombro correu todos os semblantes.

Os olhos do mestre Jacintho, sacudidos pelas azas do seu immenso nariz que se dilataram como dois foles pela força do pasmo que o sapateiro sentira, debruçaram-se e cairam no chão. Carlota soltou uma interjeição admirativa: e Agostinho, alma mais debatida pelas commoções fortes e já provada nas procellas da sorte, olhou fito o seu protector com uma expressão significativa de reconhecimento.

Aquelle olhar era apenas a manifestação de um pensamento bem profundo, que lhe dominava o espirito.

— Mas, diz por fim mestre Jacintho, caindo das nuvens onde o seu rapto de pasmo o elevava; quem nos diz a nós que a estas horas exista ainda semelhante talha, e que n'ella estejam mettidos os saccos de dinheiro?! Dinheiro é chocalheiro, é dictado mui antigo; e depois já lá vão dois annos que vós saistes de Portugal.

— Não tenhaes susto. A talha de que se trata está na cava, meio enterrada, por detraz do renque de toneis, entrando á mão direita. Foi lá que depusitei o dinheiro da companhia que tinha em meu poder. Não podia entregal-o a meus irmãos; quiz subtrahil-o assim ao fisco. Já vêdes que em semelhante logar ninguem terá dado pelo nosso thesouro, e até talvez figure no inventario de uma maneira quasi que imperceptivel.

— N'esse caso?... retruca o sapateiro.

— N'esse caso, atalha o jesuita, haverá lá uma pessoa que vos puxe pelo gibão, quando fôr ensejo de fazerdes o vosso lance.

— E essa pessoa?...

O jesuita levou o dedo á bocca em signal de silencio.

— Talvez a conheçaes, proseguiu elle; mas quer a conheçaes quer não, nem uma palavra.

O sapateiro apertou os labios com dois dedos como quem punha um cadeado na bocca.

— Podeis estar certo que nem um pio.

— Mas, senhor padre Gaspar, nota Carlota que até então estivera calada; meu tio está velho e achacoso. Essa ida a Lisboa hade-lhe ser mui custosa por força. E depois como heide eu ficar aqui? Não seria melhor ir Agostinho, que é forte e agil, e sobretudo tem a discrição precisa para se conduzir bem em toda essa empresa?

— Agostinho? retruca o velho com certa irresolução.

— Tendes razão, filha. A vosso tio será penosa tão larga jornada. Irá Agostinho.

O mancebo deu um passo para o padre Gaspar. Um sobresalto de jubilo lhe afogueou o rosto.

— Sois vós que ireis, disse o jesuita, voltando-se para elle; está decidido. Agora que não vos escapem da lembrança as instrucções que vos dei; e quanto ao mais lá haverá quem vos dirija.

Proferidas estas palavras, o padre Gaspar embuçou-se, poz o chapeo na cabeça, carregando-o cuidadosamente sobre o rosto, e estendeu a mão ao velho sapateiro.

— Adeus; talvez nos tornemos a ver cedo.

Mestre Jacintho e seus sobrinhos rodearam o jesuita e abraçaram-n'o. Depois este dispoz-se a sair.

Ao chegar á porta, sentiu-se um leve rumor da parte de fora.

— Silencio! que nos escutava alguém, exclama em voz baixa o jesuita sobresaltado.

Agostinho correu immediatamente o ferrolho e abriu o portão. A noite estava de luar como dia. Não se viu viv'alma.

— Foi o vento talvez, disse Agostinho, olhando para um lado e para o outro.

— Bom. Adeus, meus filhos. Discrição, e lembrae-vos de mim nas vossas orações.

O jesuita afastou-se, e os sobrinhos de mestre Jacintho vollaram para dentro depois de fechar a porta.

Continua.

ANDRADE FERREIRA.

HISTORIA NATURAL.

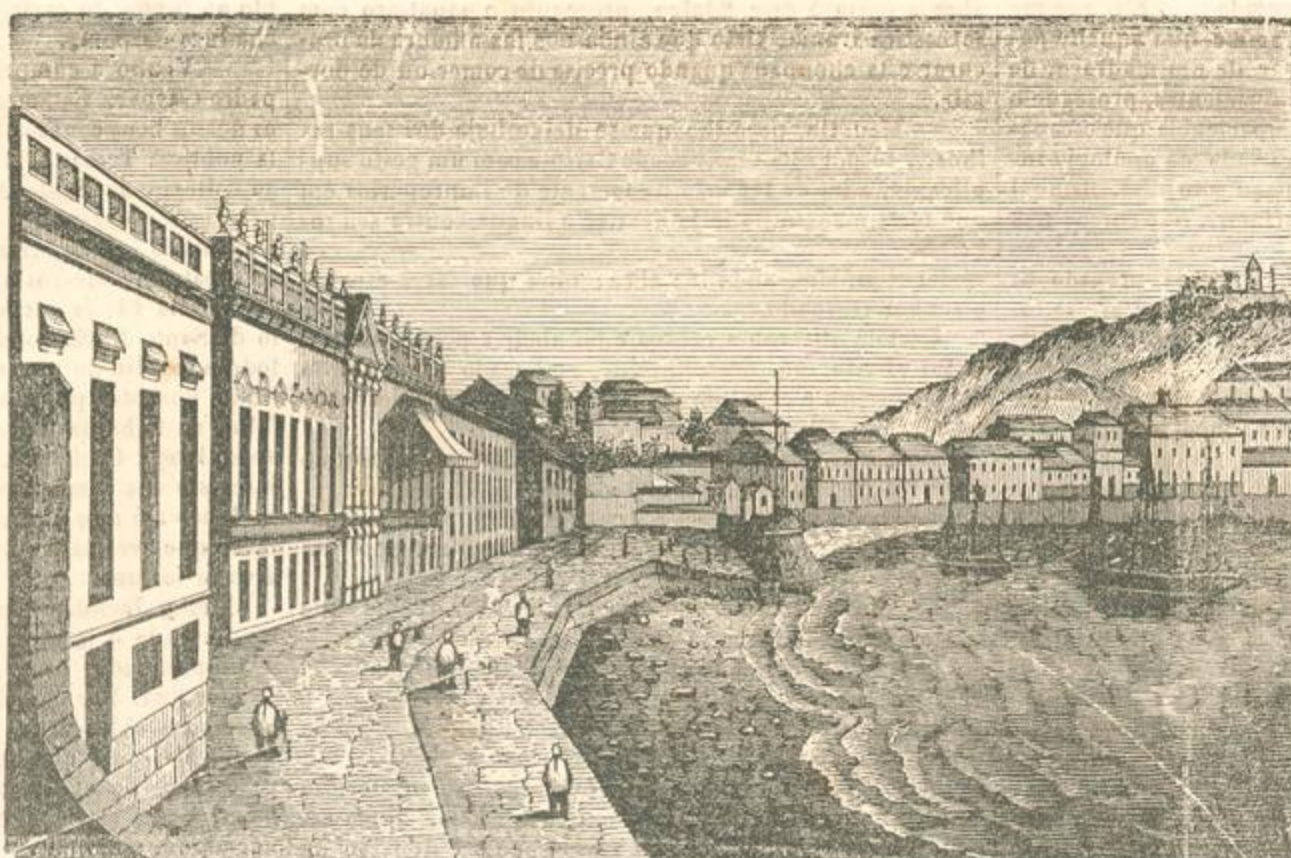
OS CYSNES.

(Terceira carta a minha filha.)

Quando n'uma das tardes d'este verão esparecendo pelo Passeio Publico nos assentámos á beira d'uma das suas lagoas n'um dos bancos de cortiça que a mão do homem affeição para imitar a natureza;—porém a natureza symetrica e garrida, que se não casa com as suas formas caprichosas quando só depende da mão de Deus—contemplámos muda e silenciosamente aquelles pequenos cysnes que ali nasceram, e que então se andavam recreando, atravessando a lagoa em todos os sentidos e direcções com graciosidade tal que era enlevo dos olhos, e distracção do espirito. Apenas lhe despontavam ainda as alvas pennas por entre as pardacentas que primeiramente criam, e de certo ao vel-os n'aquella primitiva cõr ninguem dirá ser a mesma ave que deu origem ao proverbio: *branco como um cysne!*

Pediste-me então que te contasse a historia d'esta graciosa ave, fadada pelo Omnipotente para imperar nas aguas. Das aquaticas é de certo a rainha, e ainda até hoje, que eu pelo menos saiba, nenhuma outra se lhe atreveu a pleitear competencia. Na belleza, será difficil excedel-a, e mesmo no porte airoso com que se pavoneia nas aguas, para onde a chamam as suas inclinações, necessidades, e até mesmo a sua forma externa. Prometti satisfazer-te a curiosidade, fazendo-te então notar as harmonias, que a natureza sempre guarda nas suas creações; e admiraste comigo a feição do corpo que similha o casco de uma embarcação; o seu feitio comprido e esguio, que parece ter dado ao homem as primeiras noções da architectura naval; o achatado d'aquelle corpo na parte inferior, e a insensível diminuição na anterior, onde o peito lhe figura uma proa.

Chegou hoje occasião de resgatar a promessa. Antes porém de passar ávante chamarei tua attenção para a graciosidade com que o collo ou pescoço d'esta formosissima ave, sustentando na extremidade superior uma cabeça proporcionalmente pequena, se estende elegantemente, embora delgado, como é, por tal forma que não pesa para diante não obstante o seu extremo comprimento. Quando o cysne encontrando vento de feição, abre as azas alguma coisa concavas, arrufa as pennas principaes ou reaes, e fende as aguas com o duplo impulso dos palmipedes e das azas, alvejando-lhe a plumagem, ostentando a jactancia de suas galas, e equilibrando-se na superficie cristalina com a leve cauda, não ha de certo aspecto mais maravilhoso na familia aquatica.



Macau.

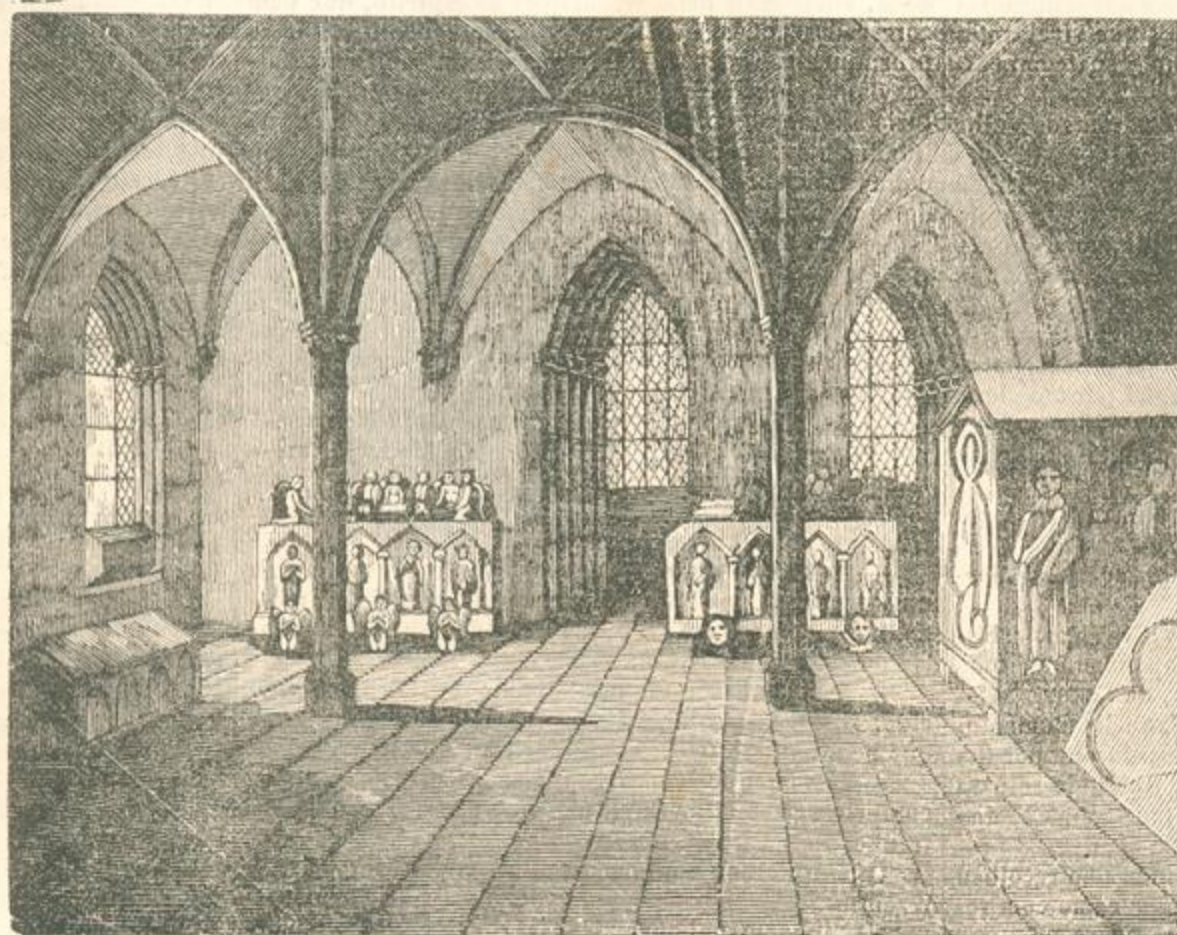
Ora deverás saber que os motores d'esta embarcação animada estão collocados na parte posterior, e que os seus pés, fortes e faceis de jogar, são empregados como remos para avançar, e como leme para mudar de direcção, desviar-se para a direita ou para a esquerda, rodear ou retroceder. Modifica todos estes movimentos dobrando um dos pés ao longo do ventre, ou por baixo do rabo, movendo o outro na agua. Quando com ambos trabalha a um tempo e em cheio, a ave avança com tal rapidez que se pode comparar ao passo accelerado do homem.

Assim como Deus creou cysnes brancos, tambem os creou pretos. Os d'esta ultima cõr foram descobertos nas ilhas Maluin ou Falkland e no Estreito de Magalhães. Tem negra a cabeça e a parte superior do pescoço. Na Nova Hollanda ha-os com a plumagem toda preta e muito luzidia, excepto as primeiras seis pennas de cada aza, e o bico de cõr vermelha.

Os cysnes gostam de se juntar em bandos, e vivem em casaes com esmerada fidelidade conjugal. Durante a incubação conserva-se o macho sempre junto ao ninho, occupado pela femea, e defende-a valorosamente de quem a ataque, e quando os filhos saem toma esmerada parte na sua educação.

D'este amor conjugal segue-se ser o macho muito ciioso, e quando outro se aproxima á femea, ha uma luta cruel, que muitas vezes dura dias, e só termina pela morte de um d'elles. Pelejam com a aza e com o bico, lidando por se agarrarem a cabeça, que pretendem metter debaixo d'agua para se operar a suffocação.

Afora este caso o cysne é de instinctos pacificos, gos-



Tumulos de D. Pedro I e de D. Iñez de Castro, em Alcobaça.

ta do ocio e da indolencia, deslizando-se placidamente pelas ondas, lustrando e alisando a plumagem com o bico, e salpicando-se com as gotas de agua.

A carne dos cysnes é dura e denegrida. O unico producto aproveitavel é a sua pennagem macia e fina.

Aqui tens resumidamente a historia dos cysnes. A antiguidade inventou á sua conta fabulas extraordinarias, como a de lhes dar dois seculos de existencia, e um cantico tão suavissimo quando estão para expirar, que é o primeiro e o unico na sua vida. Não o creias, porque os naturalistas tem seguido passo a passo os habitos d'estas aves, e ainda lhes não descobriram tamanhas maravilhas.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

O suicidio é acto de covardia; quem o pratica prova não ter valor para soffrer os reveses da fortuna.

O suicida, arrancando a propria vida, desconhece um Deus, que lhe deu o ser.

CONSTANCIA DE JESUITA.

Continuação.

XV

Temos seguido o rastro do homem bravo e devasso, mas apostariamos de bom grado, que o leitor, que já com elle communicou uma vez, inda o não pôde conhecer. O soldado é o moço michaelense, que quebrara todo o vigor e toda a esperanza em affectos desgraçados;—que perdera a alma angelica, que lhe promettia amor e felicidade;—que ficara só e sem conforto no meio de tantos pesares;—que patria em fora o vimos ir em busca da morte nos combates;—que o sentimos gemer, tão saudoso e angustiado, gemidos que ecoaram sobre o oceano, por onde os ventos o levavam! O soldado e o moço eram um mesmo homem, se não um mesmo nome!

Como homem, desconhecido está e muito, que custara a achal-o debaixo d'aquella tremenda transformação. Poesia e amor tudo parecia ter-se-lhe gelado no peito. E que muito? É isto um d'esses milhões de phenomenos moraes, e physicos, que a natureza humana inda não soube explicar; transição dos sentimentos e affectos sublimes para a perdição material da vida, e para a mais aviltante prosa dos prazeres, com que se pretende enganar o desespero, mas que só serve a aniquillar-nos surdamente.

E não só esta troca de vida e de sentir, mas tambem uma de nomes, engeitando o que outr'ora tivera, e que tanta desdita fazia aborrecido, por outro novo e desusado, com que talvez mudasse a adversidade. Luiz Gonçalves era nome, que o moço e soldado jámais invocara depois da sua chegada á India. Ninguem ahí havia que por tal o reconhecesse. Dizia-se e todos o appellidavam Bento de Goes.

XVI

Ha dias que tem amarga influencia no destino de certas creaturas. O San-João de 1587 viu perdidas as esperanças mais caras ao coração de Luiz: dois annos depois no anniversario d'aquelle dia infasto, sombria meditação, quasi enlouquecimento, o assaltou, quando caminho da India já apagar nas aguas do Malabar a chamma de uma paixão, que, apesar de soffreada pelas eventualidades, nem assim tinha amortecido, e persistia animada e impetuosa, nutrin-do-se da inutilidade propria.

Mau grado seu, succumbia a razão ao sentimento! Guerra implacavel se travavam entres alma e coração. Argumentos a que não houvera resistir sem desar, caíam por terra diante da obstinação d'um affecto desgraçado sem nenhuma luz de realidade no futuro; porque ante



O valle de Zermatt.



O monte Rosa.

si só havia horizonte tenebroso, onde paravam apavoradas todas as idéas de esperança.

E contudo aquelle amar era sempre de tão vivas e agitadas sensações, qual na quadra natalicia, quando recémgerado se comprazia remontar-se ás alturas dos sonhos, e ao incendio da alma e dos desejos.

Tantos annos de penas e de ausencias, tanto empenho de dissipação e de licença adrede empregadas, tantos cuidados da milicia e da guerra, nada pudera desvanecer da mente do moço apaixonado, a lembrança d'aquelle anjo, que primeiro lhe acordara no peito o sentimento do amor, e o apreço da vida.

Se para elle qualquer momento de solidão ou de repouso era a amarga potencia que o roubava ao viver material, e lhe aproximava na meditação o passado e o presente, tambem d'um d'esses dias de penas redobradas, d'uma d'essas horas de maior angustia, lhe tinha dependurado a mão de Deus a redempção d'alma.

XVII

Doloroso é o acordar do infeliz! Amargo calix de peçonha e fel o espera para saciar-lhe sede devoradora. . . e de uma morte!

Morte moral ou physica, que importa! Não será a primeira a peor e mais terrível, porque tem ainda escondidas nas pregas da mortalha, e misturadas com os vermes do tumulo, muita agonia, e muita saudade, por cima de mil outros cilícios? . . .

E assim foi para Luiz Gonçalves.

As folias, os bodos, os cantares do San-João, occupavam toda a mui nobre cidade de Travancor. Moços e velhos todos tomavam parte no festejo, porque para todos ahí havia logar bem cabido: aos que ainda em flor sorria a existencia, cantos e oráculos d'amores: os que entravam no ocase da vida eram coro das alegrias dos primeiros, e interpretes das *sortes* que saíam. E bem é de crer, que no decifrar d'ellas nunca iria desengano, mas sempre rosas, matisando a estrada do porvir!

N'essa casa, n'esse circulo d'alegrias, em que a ebriedade e immoderação fossem mais extravagantes, lá encontrariéis o soldado Bento de Goes! E com effeito lá era! . . . Procurava a lethargia dos sentidos por meio dos licores estimulantes, e pelo cansaço das danças, em cujos grupos peccaminosos ninguem pudera exceder-o em engenho e liberdade. Lá era! . . . Desfallecido, quando perdia as forças com a razão; motejado de todos, o que outrora com dignidade e valor fazia tremer e enfiar todo o incauto que ousasse ante elle soltar um riso, ou um apodo equivoco. Lá era! . . . Mas aquelle lethargo perigoso, precursor da tormenta, como findaria? Terrivelmente! Se tinha por algum tempo acobertado pesares, as mais atrozes agonias iam seguir-se-lhe. Seria desesperado combater de todas as forças d'alma escontra o corpo enfraquecido!

Decorrido algum tempo de inacção, talvez recolhimento, Bento de Goes surgiu como espectro sinistro no meio da bacchanal. Bulha d'instrumentos desconcertados, riso e algazarra, saltos e rebolicio, parou tudo ao vel-o erguer-se com olhar e semblante ameaçador. O homem terrível, que por vezes se esquecia e effeminava com os enlevos da sedução, emancipava-se agora! Dirieis que o mundo todo ia fazer-se pedaços debaixo de seus pés.

Todos eram olhos e ouvidos, aguardando o resultado d'aquelles movimentos descommunaes, que pareciam de possessão.

Depois de ter corrido acelerado por meio dos apontamentos, com a vista alterada, com o rosto e cabelo em desalinho, desapareceu como encantado, deixando a companhia boquiaberta, pasmada, e sem accordo.

Como suspeitar o que eram aquelles rugidos selvagens, aquella desappareição mysteriosa?

Dos assistentes, qual se benzia, qual em confusão rezava o credo em cruz, qual esconjurava espiritos infernaes! E assim se sumira o enérgumeno!

Mas que era feito d'elle?

XVIII

Para o maior numero dos espiritos ha em todos os povos um pensamento de commum sublimidade, que por diversos modos se liga á causa efficiente e primaria da harmonia da creação. No christão ou no judeu, no grego ou no musulmano, no persio ou no scythia, no indio ou no chim, no natchez ou no esquimó, a idéa religiosa serve de ultima consolação, e á sua sombra ridente se abrigam, quando do desengano do mundo surge o desespero para tragal-os. Ou no christão, que se reclinava nos braços d'uma philosophia liberal; ou no idolatra obscurecido pelos erros e pela superstição, insensando divindades extravagantes na forma e nos attributos; a acolheita da creença, da fé viva, é o grande caminho para a resignação e para a esperança — é o oasis plantado no deserto arenoso da vida para dar ao extenuado viajante o allivio da sombra, ou o refrigerio da fonte, que ali corre e serve a saciar de tantas sêdes, e de tão asperas jornadas.

E se a religião não fosse tamanho salva-vidas, onde poderia Goes salvar-se, quando já naufragava nos escolhos do embrutecimento, talvez da impiedade?

Goes sumira-se. No terço de guerra da cidade havia por elle uma nota de desertor — na lista dos bravos um

nome de menos — no alcoice a ausencia d'um phrenetico — no mundo porventura a perda d'um homem.

E elle que do mundo fugiu, estancar-lhe-hia a loisa todo o pranto da desdita? Comprimir-lhe-hia o peito até immobilisar-lhe as fibras, que tanto pulsavam magoas?

Não, que ainda o involucro é o mesmo. Debaixo da armadura do guerreiro em Travancor, como escondido no burel em Goa, corpo que um dia lutou com febriles do coração, melhorará quando de todo se converter á terra.

XIX

Mundo, mundo! que transformações de toda a casta não operas com o ligeiro curso dos annos! A mente humana presa da meditação ou do espanto, busca embalde comprehender a razão caprichosa dos destinos, a metamorphose das coisas é dos tempos! Tudo lhe diz que é caduca e impotente!

Que de desenganos inesperados, extravagantes consequencias, adversidades e penas, não traz o tempo! E o que ninguem explica pelo principio, elle o ensina pelos effectos.

Laura, a louca por amor, pudera soffrer por muitos annos o captiveiro, atravessando com seu senhor a Natholia, a Syria, a Persia e o Thibet. Sua prima succumbira em tamanha luta d'infortunios, mas para ella nunca de todo se extinguiu a luz do amor e da esperança. Caminhara sempre animosa, sonhando ainda paz e liberdade.

Como são boas a creença e as afeições! Sem ellas que fóra da pobre noviça? Os nobres sentimentos d'alma não só são mais para temperar a poesia e o goso da vida, e para viver mais e melhor; mas por elles, e com elles, a exalação pura e affectuosa do coração, depois de nos haver cá por dentro deliciado o intimo seio, sae atravez olhos enternecidos, passa como faisca electrica, cortando o espaço e vencendo a distancia, para o peito arquejante do interprete de toda esta muda, mas eloquente linguagem; e por fim reforçada por dois votos, dois desejos, dois mesmíssimos pensamentos de anhelante ternura, sobe aos ceos, levando preces fervorosas.

Acaso conheceste já, leitor, este magico effeito da afeição innocente, que d'almas nobres se deriva? Se te tremer a vista, se o peito te bater apressurado, se nas veias te gyrar, independente da vontade, desusado calor que tinge e assoma ao rosto; crerei que o que pensei e disse da esperança e do affecto, repercutiu em tua alma com assento conhecido. Mas se permanecer impassível, quando te dou uns longes d'este ceo e d'esta ventura, que a natureza nos poz nos corações, mal de ti, que te abysmas em inferno de sceptico egoismo. Passarás na vida sem haver sabido um unico dos segredos da existencia, sem ter provado a doçura d'ella, sem deixar memoria de que fosses!

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

O VALLE DE ZERMATT E O MONTE ROSA.

Ainda no anno passado se perguntava onde era Zermatt, quando raros viajantes proferiam este nome, e mui tomados de admiração ficavam os curiosos quando se lhes dizia que era no cantão de Valais, porque todos estavam persuadidos e tem sido opinião vulgar que não ha recanto da Suissa que não esteja explorado e revisto.

Enganam-se; sempre se vão descobrindo nos recessos d'aquellas serranias e nos valles mais reconditos vistas novas e com certo toque de originalidade; assim aconteceu com o sitio denominado Zermatt, onde logo acudiram em chusma os que fazem excursões na Europa por mero divertimento, e que do inglez se chamam *toristas*.

De Zermatt, afora as bellezas propriamente locaes, se divisa melhor que de parte alguma o bem proporcionado e esbelto gigante dos Alpes, o monte Rosa, com seus gelos tintos de exquisto colorido, o pinaculo mais elevado d'aquella cordilheira depois do monte Branco, pois que mede quatro mil seiscentos e trinta e seis metros acima do nivel do mar. Além d'isso o Zermatt é fechado por uma cadêa circular dos visinhos Alpes, da qual o elo mais magestoso é a admiravel rocha coberta de neves, dita Matterhorn.

Entrando no valle do Rhodano por Genebra e Vevay, indo de França; pelo St. Gothard indo de Italia, achando-se o viajante no coração da Suissa, caminho de Thun, sobre o passo de Ghemmi a Wisp, está a entrada para o soberbo valle de Zermatt, descoberto em 1855 por um infatigavel *tourist* britânico.

M.

D. FR. MANUEL DO CENACULO VILLAS-BOAS.

A lembrança das pessoas notaveis deve conservar-se no paz que honraram, para exemplo e lição de vindouros. A memoria dos sabios é galardão para a patria. As publicações litterarias do genero d'esta honram-se com a sua recordação; portanto hoje deixamos commemorada n'estas paginas uma das maiores illustrações do presente seculo.

De uma familia illustre de Traz-os-Montes, tronco commum dos Figueiredos, Sousas, Barros e Farias, nasceu em Lisboa, no 1.º de março de 1724, o arcebispo de Evora, D. Manuel do Cenaculo Villas-Boas. Chegada a idade propria de se applicar aos estudos frequentou o la-

tim e tres annos de philosophia na Congregação do Oratorio, sob a direcção do celebre mestre o padre João Baptista, que foi o primeiro que n'esta côrte dictou a philosophia moderna, totalmente ignorada em Portugal. Recebeu depois o habito da ordem terceira da Penitencia no convento de Jesus, e professou no anno seguinte em 25 de março de 1740. Em outubro d'este mesmo anno foi mandado para o collegio de Coimbra a estudar um novo curso de philosophia e outro de theologia, matriculando-se finalmente na Universidade no 1.º de outubro de 1741. Contava apenas vinte e dois annos de idade quando no capitulo provincial, em outubro de 1746, o nomearam lente de artes no collegio de Coimbra, recebendo o grau de licenciado em 19 de maio de 1749, e o de doutor em 26 do referido mez. Por disposição do capitulo provincial, celebrado em Santarem no mez d'agosto d'este ultimo anno, repetiu segundo curso de artes no sobredito collegio.

No principio de 1750, sendo secretario da provincia terceira foi a Roma para assistir ao capitulo geral da religião franciscana. Datam d'ahi os seus progressos litterarios. Benedicto XIV, um dos maiores letrados d'aquella epoca, presidiu áquella assembléa, celebre pelo saber e virtudes dos homens de muitas nações e provincias que n'ella se reuniram. E accrescia a isto ser tambem aquelle anno o de jubileu geral, o que attrahia á capital do orbe christão grande numero de estrangeiros distinctos. Communicou então com muitos sabios, visitou na sua viagem varias bibliothecas e universidades, e levou tão longe o seu amor pelas letras que adquiriu uma grande porção de livros tão raros e selectos, que muitos eram completamente desconhecidos em Portugal.

Já no anno de 1751 se achava de volta na patria, e restituído ao collegio de Coimbra para concluir o seu magisterio de philosophia. Ensinou successivamente um novo curso de theologia, e no anno de 1753 era lente de prima.

O novo systema de estudos que desejava introduzir, por haver experimentalmente reconhecido a sua vantagem, deu logar a dois certames litterarios a que presidiu. N'elles expoz a historia da philosophia, e tratou algumas partes da metaphysica com liberdade e em linguagem intelligivel, como disse o academico seu consocio no elogio que lhe teceu. Deu impulso tambem ás conclusões de lithurgia que se defenderam em Lisboa, no tempo em que ainda este ramo da theologia era desconhecido entre nós, e a sua dissertação sobre a definibilidade do mysterio da Conceição é um dos famosos documentos que nos deixou do seu saber.

Estavam por este tempo mui esquecidas em Coimbra, posto que nos seculos passados ahí tivessem florecido, as linguas grega e hebraica. Fr. Manuel do Cenaculo deu impulso a estes estudos, ajudado por outros dois doutores da Universidade, que eram da ordem dos eremitas de Santo Agostinho, e vencendo as difficuldades com uma constancia que nada fazia esmorecer, emprehendeu depois a versão completa da Vulgata Latina, illustrada e comparada com os antigos originaes; e se lhe faltou o ocio necessario para concluir tão grande obra, como diz o seu panegyrista, teve ao menos a gloria de ser o primeiro que a commettesse; deixando em seus escriptos, para os que quizessem de novo intental-a, não só estímulos, mas documentos e exemplos.

Tambem n'este periodo escreveu varios opusculos sobre humanidade e historia.

Concluindo em 1755 o seu magisterio de theologia no collegio de Coimbra, veio residir para Lisboa; e foi successivamente nomeado chronista da sua provincia religiosa, lente jubilado, examinador das egrejas e beneficos das ordens militares, synodal do patriarchado, ministro consultor da santa cruzada, qualificador do santo officio, e finalmente capellão mór das armadas. E já n'este tempo, que foi pelo decurso dos annos de 1765 a 1768, era chamado por ordem d'el-rei para assistir a differentes juntas extraordinarias.

Tão multiplices encargos não lhe afrouxavam, porém, o amor pelos estudos, porquanto todo aquelle tempo que julgava perdido para elles, o compensava com as horas roubadas a uma innocente distracção, e ao descanso corporal. Era então mesmo que aprendia os primeiros elementos do arabigo e syriaco, com Joaquim Sader, natural de Alepo, e que se achava em Lisboa.

Em 1769 se publicou a sua nomeação para provincial da ordem terceira de Portugal, e pouco depois foi provido em um logar de deputado ordinario da real mesa censoria, logo na sua creação; e passados dois annos foi escolhido para seu presidente.

As obrigações do cargo de provincial o levaram ao capitulo geral que se reuniu em Valencia, e ahí provou os justos creditos que tinha a sua reputação litteraria; porquanto achando-se repentinamente impedido o orador a quem estava incumbido o sermão da abertura do capitulo, foi elle o escolhido para satisfazer a esse encargo.

As onze horas que unicamente lhe restavam até se dar começo á solemnidade, tempo mesmo insufficiente para descansar do incommodo d'aquella longa jornada, empregou-as em meditar e escrever a sua eloquente oração latina, accommodada ao evangelho do dia; a qual foi muito applaudida por tão entendido auditorio, e mereceu as honras da impressão quasi como fóra escripta.

Obteve n'este capitulo licença para reformar os estudos da sua provincia portugueza, e ahí foi eleito com uni-

formidade de votos em definidor geral de toda a familia franciscana.

Apenas regressou a Portugal poz em obra a sua reforma, e bastará para seu credito dizermos que foi tal, que se seguiu depois substancialmente no plano da reforma da Universidade.

Lançou tambem os fundamentos á grande sala da livraria do convento de Jesus; adquiriu-lhe a melhor parte da preciosa colleção de livros que ali existe; e com a fama do seu nome litterario atrahiu dos paizes estrangeiros ao seu convento os sabios versados nas linguas orientaes, que deixaram aqui estabelecido de todo este ensino, e radicado o uso das assembléas litterarias.

Obteve que viessem de Londres os typos dos caracteres orientaes, para uso da typographia regia, os quaes serviram logo para a impressão das instituições da grammatica hebraica e arabiga, que saíam do claustro de Jesus, e achavam-se as aulas d'este convento cheias de estudantes seculares, que a ellas iam receber educação e doutrina; ali mandavam estudar seus alumnos quasi todas as congregações regulares de Portugal e ainda a provincia terceira de Andaluzia; e deposto todo o espirito de emulação, ou faziam seu plano de estudos ali seguido, e o adoptavam para as suas escolas, ou confessavam publicamente o seu agradecimento ao sabio Cenaculo, e chamavam seus mestres aos mestres terceiros.»

Dentro em cinco annos ahi se celebraram actos publicos de linguas orientaes e academias litterarias. D'este impulso dado por um unico homem, colheu tambem o estado grandes proveitos, porque d'esta congregação saíram os seus benemeritos sujeitos, já como enviados ás côrtes barbarescas, já despachados nos mais graduados logares civis e ecclesiasticos.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

LITTERATURA DRAMATICA.

O SAPATEIRO DE ESCADA.

Continuação

SCENA II.

O MESMO; ANACLETO, DEPOIS JOSEFA.

ANACLETO.

(Chega á janella e repara na toalha) Temos telegrapho! A Josefa a modos que anda com a cabecinha no ar. Toalha, lavada e engommada, atada no parapeito da janella é signal certo de namoro. (Fallando para baixo) Ó mestre José Pardal! mestre José Pardal!

SAPATEIRO.

(Sem se levantar) Manda alguma coisa sôr Anacleto dos Ramos?

ANACLETO.

Se o não incommoda tem a bondade de chegar ahi, á porta da rua. Desejava dar-lhe uma palavrinha.

SAPATEIRO.

Estou á sua determinação. (Vem á porta sem largar a obra em que trabalha, e dando pouca importancia ao chamamento.) Ora salve-o Deus visinho!

ANACLETO.

Já hoje saiu de casa, mestre?

SAPATEIRO.

Fui entregar obra a um freguez. Depois fui ver uma cautela, por signal que estava branca. Tudo se chega para a pobreza! Á vinda entrei na Praça da Figueira, a ajustar um pouco de peixe; mas elle hoje está para fidalgos, pediram-me por seis carapausitos...

ANACLETO.

(Atalhando-o) É que eu, se por acaso o visinho não tivesse saído desejava saber...

SAPATEIRO.

Pois é perguntar, que para responder é que serve a lingua!

ANACLETO.

Olhe... chegue-se um pouco mais para a hombraira. (O Sapateiro cose-se com a parede e olha para cima) Eu hoje não passei a noite lá muito bem. Trago ahi mal parado um dinheiro a juros, e isso tirou-me o somno. Quando deu o tiro de peça, já eu estava a pé, e, para não incommodar a Josefa, fui eu mesmo pôr a agua ao lume

para o meu chá, lavei-me, escovei-me, e agora que chego á janella, o que heide eu ver, mestre?

SAPATEIRO.

Algum corcunda?

ANACLETO.

Este trapicalho, amarrado aqui á janella! O visinho que foi quem me inculcou a Josefa, e que pelo seu officio quasi nunca sae á rua, sabe-me dizer se ella tem algum namorico? Olhe, não responda precipitadamente, e deixe-lhe dar aquella caravella de doze, que me pediu para ajuda da renda da casa. Anda isto em promessa ha mais de um mez.

SAPATEIRO.

Isso não tem pressa. Estar na sua mão ou na minha, é tudo o mesmo... (Recebendo o dinheiro) Pois senhor, respondendo ao que o visinho me pergunta, direi: Que foi no Gratis em que se poz a aquella em que se pedia criada para casa de um homem só. Veiu a Josefa. (Muito alto) Ora a verdade manda Deus que se diga...

ANACLETO.

Falle mais baixo, olhe que ella pode ouvir. (Em tom de voz muito baixo) Então realmente a Josefa...

SAPATEIRO.

(Coçando-se na cabeça) Ora isto é como o outro que diz, que quem não sabe, é como quem não vê.

ANACLETO.

Ande, mestre, diga tudo, que o heide gratificar generosamente. A Josefa tem algum arranjo?

SAPATEIRO.

(Mysteriosamente) Vem ahi ás vezes uma creatura, que diz ella que é da terra d'ella. E nos seus cantares, palavra apanhada aqui, palavra apanhada ali, sei eu que a Josefa tem um arranjo, lá para as bandas da Mouraria.

ANACLETO.

E o visinho até agora fechado com isso! Realmente não sei o que me parece!

JOSEFA.

(Apparecendo na janella) Ande, constipe-se. Eu depois que perca as noites a dar-lhe xaropes.

SAPATEIRO.

(Escondendo-se) Lá se avenham conforme puderem.

SCENA III.

ANACLETO E JOSEFA.

JOSEFA.

Realmente era muito preciso o senhor ir acender o fogareiro! Crestou-me o abano, e encheu-me a casa toda de fumo.

ANACLETO.

(Ironico) Em lugar de fazer tanta bulha por nada, era melhor que a senhora me explicasse para que serve aqui esta toalhinha?

JOSEFA.

Ora deixe-se de pieguices. Compre corda em que se pendure a roupa a enxugar, que já eu lh'a não ponho á janella.

ANACLETO.

Josefa! Josefa! A senhora vae deitando as mãosinhas de fora, e eu... e eu...

JOSEFA.

E eu o que? Então não querem ver o sultão? Quando está com os seus achaques, é minha Josefa cá, minha Josefa lá; em lhe dando a rabugice, nem o diabo o atura! Pois olhe: criadas não faltam; procure quem o sirva mais a seu gosto, que eu estou farta até aos olhos de passar por aquillo que não sou. Ouviu?

ANACLETO.

Está bom, está bom. Não amoline a visinhança, e, pelas duvidas, vá tirando d'aqui esta toalha.

JOSEFA.

Tire-a o senhor, que tem mãos. Quem pôde ir á cozinha mexer no que lhe não devia importar, pode muito bem despregar dois alfinetes. Esteja descamsado que seus avós não se offendem.

ANACLETO.

(Comicamente zangado) Ó mulher de um milhão de não sei que diga... (Faz menção de lhe levar as mãos ao pescoço.)

JOSEFA.

Ande, aperte, que eu grito pela guarda... Tambem as suas valentias são só para as mulheres. (Desata a rir) Olhe não rebente alguma veia com a força!...

ANACLETO.

Negro seja eu, se a senhora me dormir mais uma noite debaixo das minhas telhas.

JOSEFA.

(Canta) Inda ha tolas que procuram Ser criadas d'homem só! Se soubessem o que aturam...

ANACLETO.

Dos homens teriam dó!... bis (Fecha a janella, batendo muito com ella.)

SCENA IV.

ENGRACIA, ANGELICA, DEPOIS O SAPATEIRO.

ENGRACIA.

(Abrindo a porta da escada, e vindo ao patamar) For-te pouca vergonha! Ha dois annos que moro n'este predio, e nunca vi uma patifaria semelhante. Admirada estava eu do socego! Mulher que vive em casa d'homem só, não dá boa idéa de si!

ANGELICA.

(Puxando-a para dentro) Venha para dentro mamã, e deixe lá os visinhos. Cada um vive, como vive. Veja se quer ouvir alguma semsaboria?

ENGRACIA.

Era o que me faltava ver! Fazerem do predio casa de gente de pouco mais ou menos, e levantarem-se ainda em cima com o santo e com a esmola! Deixem estar, quem o gallego vindo das compras, heide mandar chamar o regedor. Sempre quero saber se ha justiça n'esta terra. (Gritando muito para baixo) Ó mestre, mestre.

SAPATEIRO.

Que manda sôra D. Engracia? Tem alguma coisa?

ENGRACIA.

Tem a bondade de chegar cá acima n'um pulo. (O Sapateiro sobe pela escada) Anda, vae para dentro. (Empurrando Angelica) Não te dê por ahi algum fanico. És uma mulher que não prestas para nada.

ANGELICA.

Mas...

ENGRACIA.

Faze o que te digo, e dá ao diabo o que sabes. (Angelica recolhe se e o Sapateiro chega ao patamar de cima.)

SAPATEIRO.

As ordens da sôra D. Engracia.

ENGRACIA.

(Crusando os braços) Então que me diz a isto, mestre? Que bons exemplos para a minha Angelica lhe está dando essa lambida ahi do lado! Boa era ella para viver com o meu defunto homem, que Deus haja! Ainda ella não teria acabado a carta, já elle lhe teria posto o sobre scripto com os cinco dedos na cara.

SAPATEIRO.

Então o que foi? Houve novidade?

ENGRACIA.

(Benzendo-se) Cruzes; credo; pois não houve, homem Tem sido o dia de juiso aqui na escada.

SAPATEIRO.

Por isso a modos que eu ouvi ind'agora...

ENGRACIA.

É este estafermo do visinho, Deus me perdôe que não tem outro nome, que sempre tem ouvido coisas á lambisgoia da criada de fazerem cair a cara com vergonha á

gente honesta! Eu aposto que o homem tem razão, a historia da toalha não pode deixar de ser namoro. Algum dia foge com algum badameco, talvez com esse que por ahí passa todas as tardes, e deixa o patrão a pedir esmola.
Continua.

MACAU.

Tendo já dado n'este semanario uma descripção circunstanciada de Macau, limitamo-nos agora a apresentar a gravura, que representa a cidade, remetendo os nossos leitores para os numeros onde se acha a mesma descripção.



O forte de Lavalette em Malta. (Vide num. 42)

TUMULOS DE D. PEDRO I E DE D. IGNEZ DE CASTRO, EM ALCOBAÇA.

A historia de Portugal tão rica de poesia, não apresenta em nenhuma de suas paginas tradição mais poetica do que a dos amores do principe D. Pedro, depois o primeiro rei d'este nome, com D. Ignez de Castro.

O principe dos poetas portuguezes — o grande Camões, nos seus *Lusiadas*, pintou-os com côres tão vivas, que ainda por ninguem foi imitado:

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fructo,
N'aquelle engano d'alma, ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu principe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

Não menos conhecido é o tragico fim d'aquella formosa e desgraçada senhora. O poeta conta-o n'estes plangentes versos:

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo d'alabastro, que sustinha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que depois a fez rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

D. Pedro, tendo subido ao throno, ordenou immediatamente sumptuosas exequias em honra d'aquella princeza.

Depois mandou construir um tumulo para si ao lado do que fôra feito para D. Ignez. Estes dois tumulos, representados na nossa gravura, tem grande interesse artistico, porque são formosos monumentos da epocha.

CHRONICA SEMANAL.

Como vae a semana despida de interesse para quem tenha de fazer o mister de chronista! Pobre Sysipho que hade por força rolar todas as semanas este duro penedo da chronica, sem conseguir nunca deixal-o assentado por uma vez; que apenas no sabbado firmou a assignatura por baixo d'aquelle artigo, já no dia immediato lhe apparece o domingo, e com elle a nova semana que tem de descrever!

Ahi iamós caíndo n'estas apprehensões de fatalista que são o terror do escriptor. Para longe as idéas sinistras, que não devem ter cabida aqui, onde o assignante espera umas poucas de linhas festivas e folgasas. Estavamos tentados a descrever-lhe agora o novo drama, *A Mo-*

cidade de D. João v, que se estreou no theatro de D. Maria II, mas trememos ante o encargo. Que penna correria tão graciosa e enlevada sobre o assumpto que o sr. Rebello da Silva tão magistralmente escreveu no seu famoso romance d'onde se extrahiu a peça?

E de mais quem não conhece este livro, quem o não leu ainda?

Não queremos a responsabilidade de desbotar com as nossas pallidas côres o quadro do mestre. Encerrar-nos-hemos portanto na recommendação feita ao estudioso de ir ao theatro de D. Maria II ver o romance em acção, e segredaremos ao amator da provincia, que não pode dar seu passeio até Lisboa para comprar o bilhete que lhe franquearia as portas d'aquelle theatro, que o drama está impresso.

Uma das noticias da semana é a da visita de sua alteza a serenissima senhora infanta D. Isabel Maria, no dia 21 do corrente ao caminho de ferro de leste.

Sua alteza era esperada ás nove horas e meia da manhã na estação de Santa Apollonia pelos directores, condes do Farrobo e da Ponte, que tinham feito apromptar duas carruagens para a serenissima senhora infanta, e a sua dama a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Resgate Noronha, respeitavel senhora de mais de noventa annos de idade, e o camarista de semana.

As carruagens partiram ás onze horas e vinte minutos, regressando de Sacavem ás onze e tres quartos. Ahi visitou sua alteza o theatrograph electrico, mostrando-se mui satisfeita d'esta digressão.

Daremos tambem a noticia de que chegou a Lisboa o sr. D. Francisco Bourman, ministro encarregado da demarcação territorial entre Hespanha e Portugal para a direcção do caminho de ferro até áquella fronteira.

Espera-se que na vespera do dia dos annos d'el-rei o sr. D. Fernando seja benzido por sua eminencia o caminho de ferro de Santarem, para começarem as viagens no dia do real anniversario.

A igreja catholica romana vae alcançar mais um triumpho sobre a protestante. A esposa do marechal duque de Saldanha será baptizada em Paris, tocando como padrinho por el-rei o sr. D. Pedro v, o barão de Paiva, nosso ministro junto á corte de França.

Annuncia-se o proximo regresso a Lisboa dos illustres marquezes de Fronteira, e condes da Torre.

No dia 22 do corrente abriu-se com toda a solemnidade o curso lectivo annual da escola polytechnica.

A sala dos actos estava cheia de espectadores, e suas magestades os srs. D. Pedro v e D. Fernando, e o sr. infante D. Luiz assistiram a este acto, que começou pela leitura do discurso inaugural pelo doutor Albino de Figueiredo. Sua magestade dignou-se responder, entregando depois o original do discurso ao director interino da escola. Seguiu-se a distribuição dos premios feita por sua magestade.

Resuscitou o theatro do Salitre com a exposição de quadros dissolventes, e outras futuras maravilhas que nos annunciam os cartazes. Já hontem teve logar a primeira noite d'este divertimento, e gostámos do effeito dos quadros. Esperaremos pelo *physioscopos*, de que nos auguram portentos.

O beneficio do actor Theodorico no theatro de D. Maria II foi de enchente real. Este actor é muito estimado do publico, e tem indisputavel jus á sua consideração.

Estavamos tentados a fazer aqui a descripção dos formosos dias que vamos gosando. A estação vae serena, a atmosphaera appareceu-nos limpida, o sol brilha em todo o seu esplendor do outono — primavera risonha que unicamente cede á primeira do anno na fragrança das flores, porque esta não é apropriada para ellas. N'aquella é rara a flor que desabrocha d'onde se não exhale um suave perfume: n'esta é rara a flor que o tenha! É porque o anno vae correndo para a sua declinação; aproxima-se o inverno torvo e carrancudo, com os pesados trajas de abafio, e os seus estirados frocos de neve.

E apesar d'este tetrico e carregado quadro, quantas leitoras nossas não estão já suspirando por essas compri-

das noites em que se abrem os salões do mundo elegante? quantas não calculam já vertiginosas walsas, delirantes polkas e seductoras shotichs? quantas não tem meditado o orçamento da sua modista?

Ruidosa mocidade que se emprega n'estes levianios pensamentos com a mesma seriedade que demandaria um objecto grave, eu vos saúdo! Folgae amaveis leitoras, e elegantes mancebos n'estes pensamentos do delirio de um baile. Folgae em quanto a idade e os prazeres vol-o permittem. Quando o inverno dos annos, — a velhice, vos rarear a fronte e amortecer a chamma devoradora d'estas innocentes paixões, sorrir-vos-heis então de piedade e

compaixão por esse delirio do verdor da juventude, como confessamos que hoje nos sorrimos ao recordar d'esses tempos que já correram para nós, e nunca mais volverão.

Esses folguedos trocamol-os por uma conversa intima de amigos, junto ao bom lume de um fogão, seroando sobre as vaidades do mundo. Lembra-nos então conversar sobre a politica, porém foge-nos o gosto, quando ao soltar as primeiras palavras, e ao commemorar os primeiros actos da vida publica de varios homens, achamos que se sacrificam aos caprichos de uma revoltante ambição.

E de mais, para que serve, onde a placida amisade deve reinar, ainda que ao de leve, assumptos que sempre offendem as opiniões d'esta viciosa sociedade? Pomos de parte essas conversas, para nos entretermos com outras mais gratas ao coração — a historia dos nossos homens antigos, esses heroes de tempera tão rija e coração tão esforçado que nos deixaram na historia eloquentes paginas de amor patrio.

Bem sabemos que estes assumptos não tem attractivos para todos; porém o mundo foi creado por tal forma que deixa ampla variedade para saciar todos os appetites.

Agora mesmo que traçamos estas linhas, tão descuidados do que se agita em torno de nós, vão muitos correndo para o campo a gosar dos attractivos de um formoso dia na feira do Campo Grande. Uns vão lá por passeio, outros por ser moda apparecer ahí n'essas tardes que o bom gosto determinou para provar estímulos d'uma apurada reunião, e poucos realmente para enfeitar, porque tão bom, ou melhor, e com menos despendio o tem cá por Lisboa.

Quando ás feiras do Campo Grande vinham esses singelos e sinceros provincianos que nos traziam as suas boas teias de linha, e aquellas famosas toalhas de Guimarães, que eram enlevos d'olhos d'uma boa dona de casa, então fazia conta enfeitar ali; porém hoje que a fancaria ingleza e franceza nos veiu encovar aquellas manufacturas, quem as vae buscar á feira, onde aquelles homens já não vem? Por isso o util passeio da feira se trocou em passeio de vaidades, e pouco dinheiro lá corre hoje, excepto no classico domingo em que as comensanas do povo lhe lançam a animação.

Esta feira foi marcada pela moda como a hora fatal que termina as recreações do campo. Tudo regressa a Lisboa, e até as arvores, cujas folhas acariciaram tão brandamente as virações do Zefiro, se despojam dos seus adornos em signal de saudosa despedida áquelles campestres passeadores!

É porque tudo n'este mundo tem um fim... até mesmo a Chronica, que se não pode estender por hoje nem mais uma linha sob pena de se tornar mais fastidiosa do que já vae.

QUADRO SACRO

Publicou-se a terceira edição.

O custo é 1:000 rs.

AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 8 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1674.